Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

Osso e véu

Essa exposição é um recorte no trabalho que Martinho Patrício vem produzindo desde o final da década de 1980. O corte é delineado pela persistência do elemento têxtil nos diversos meios com os quais ele tem criado: desenho, pintura, fotografia, objeto, instalação e performance. No universo têxtil, ele não é atraído pela manufatura de fios e tramas a partir de fibras naturais, artificiais ou sintéticas. Sua imaginação criadora é mobilizada menos por matérias e mais por materiais, priorizando certa densidade cultural em vez da suposta condição primeva da natureza. Ele parte de tecidos existentes para constituir suas obras. A série Iedas, de 2002, com panos estampados previamente usados, é uma exceção, pois ele tem preferido lidar com tecidos novos, imaculados, virginais. Como um poeta que se vale do que ouve e lê, mas explora a potência da palavra em sua autonomia algo ideal, ao mesmo tempo plurívoca e desembaraçada – pensemos nas ressonâncias da palavra corte, por exemplo –, Martinho opta pela integridade concreta de materiais plenos de sentidos, disponíveis à criação e abertos ao futuro. Essa predileção o leva a usar vários tipos de tecidos que encontra no mercado: algodão, brim, cetim, crepe, fitas de cetim e gorgorão, linhão, linho, veludo, rendas e bico. A lida com panos fabricados industrialmente tem contraponto no labor manual, dele e de outras pessoas, que perpassa todas as etapas do processo criador. O produto têxtil é, para ele, um material e, ao mesmo tempo, um vetor de sentidos socioculturais.

Na fala do artista e no discurso crítico sobre seu trabalho, não é rara a referência à maleabilidade e até à moleza própria aos tecidos, que ele explora na série Me Molde, de 2012. Ainda que maleável, menos ou mais molenga e manuseável, o tecido é um artefato em si estruturado – ao mesmo tempo, pele e osso – e disponível a ações estruturantes, com o qual se pode (re)estruturar seres, coisas e espaços. Martinho explora o tecido como artefato cultural que ajuda a transformar e caracterizar corpos e identidades de pessoas, animais e até plantas, mas também outros objetos e ambientes – em suma, o mundo. Ele explora técnicas de costura: riscar, cortar, alinhavar e coser, forrar, dobrar, sobrepor, plissar, arrematar e bordar, entre outras. Processos que podem ser individuais e até bastante pessoais, mas também colaborativos, podendo englobar comunidades e se esgarçar rumo ao anonimato. Curiosamente, em suas obras, a costura é fundamental, mas, em geral, não é exibida. O que, longe de afastar o sentido de fabricação, especifica como ele constrói com panos, rendas e fitas visando ao objeto final, privilegiando as propriedades dos materiais, as formas e os sentidos que trazem, instauram e propagam. Menos o osso do dia a dia e mais a beleza que a labuta gera.

Martinho trabalha na, com e para a cidade. Uma em particular reverbera em sua obra: João Pessoa, na Paraíba, na orla atlântica da região nordeste do Brasil. Em 2011, ele disse: “Um aspecto de meu trabalho é transpor elementos cotidianos para lhes dar novo conteúdo.” Com efeito, ele constitui suas obras com tecidos que perpassam sua vida e os mais diversos âmbitos sociais dos habitantes da capital paraibana, sendo encontrados em casas, mercados, escolas, igrejas católicas, terreiros afrobrasileiros, bordeis, blocos de carnaval,

espaços ocupados transitoriamente por pessoas à procura de abrigo e outros ambientes. Panos com os quais ele lida com variados graus de distanciamento e proximidade, no âmbito familiar e na rua, no cotidiano e em momentos excepcionais, nos desvãos da memória, da alma e do corpo. Ele corta, recorta, costura, plissa, arremata e borda diversos universos culturais, individuais e coletivos, íntimos e públicos. E não remete apenas a João Pessoa, mas às cidades – na região nordeste, no Brasil e mesmo além.

São panos próprios tanto à cidade quanto a ele. Títulos como As entradas, Cardeais, Catiço, Danúbio Azul, Fumo, Ieda, Luto e Máscara aguçam a curiosidade interpretativa. Oferecem pistas que parecem indicar caminhos por onde, em associação às obras, suas texturas, cores e morfologias ressoantes, se possa ancorá-las na vida do artista. Com certeza, conectados aos tecidos, esses nomes remetem a sensações e sentimentos: o afetuoso cheiro de um véu, a sombria cor da fita em uma lapela, a festa erótica de uma cortina. Mas nunca garantem leitura única. Não se fixam de modo exclusivo e permanente a pessoas, coisas, episódios e lugares. Vejamos Nem tudo que faço sei o que é, mas entendo profundamente: entre pipa e estandarte carnavalesco, é obra feita para o pensamento bailar, fluir, quase voar. O título declara um fazer desimpedido, consciente dos limites e das diferenças entre (auto)compreensão e (auto)conhecimento, bem como avesso a circunscrever e aprisionar a obra de arte. Um misto de familiaridade e estranheza que dá panos à imaginação.

Aproximando o trabalho plástico de Martinho ao universo literário, enquanto a série Brincando com poderia ser entendida como um romance em quatro tomos, pela variedade de meios, a escala das instalações e o lúdico drama que instauram, em geral suas obras estão mais próximas do poema. Não apenas por serem em maior número e terem tamanhos menores, mas sobretudo pelo caráter denso, inusitado e iluminador. Martinho interage com João Pessoa, a cidade onde nasceu e quase sempre viveu. Mas sua ação artística passa ao largo da prática etnográfica, sociológica ou histórica, sendo apenas em parte crítica, crônica e memorialística. Seu processo criador culmina em artefatos simbólicos a princípio inúteis. Tudo deriva do viver, de suas vivências cotidianas e de acontecimentos extraordinários ocorridos ali, mas também alhures, nos trânsitos pela cidade e além, pelos variados meios que o conectam às pessoas no mundo. Tudo se torna ainda mais próprio pelo modo como ele reelabora plasticamente o que lhe atiça, dói, remói, encanta, aviva. Um desdobramento poético em meio às exigências, aos constrangimentos e às surpresas cotidianas, às peculiaridades dos materiais e dos processos de fabricação, mais suas vontades, desejos e pulsões. Na costura, recorte é uma “incrustação de um pedaço de tecido diferente, ou renda, em uma vestimenta, como adorno.” Para Martinho, como o recorte na roupa, a arte é algo a mais no mundo, um excedente e até um luxo. Não é obrigatória e nem mesmo necessária, mas viver sem ela seria muito pior, talvez até impossível.

Além da densidade semântica de cada um dos tecidos, com seus significados pessoais e sentidos socioculturais, Martinho lida com a arte e sua história. Os títulos da série Brincar com – Brincar com Hélio, Brincar com Lygia, Brincar com Rubem e Brincar com Volpi – explicitam uma relação afetiva. Sem poder,

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

nem querer fugir da história, Martinho joga com a arte e os artistas: ao criar suas obras, ele recorta no passado uma história para si. Brinca com o cânone: conquista a liberdade de manipular paradigmas e folgar com suas referências para manter a bola rolando, fazendo o jogo seguir adiante. Ao jogar com Alfredo Volpi, Hélio Oiticica, Lygia Clark e Rubem Valentim nesta série, Martinho dá prosseguimento à trama do construtivismo culturalmente enredado, cara a muitos artistas no Brasil. Nesse sentido, Recorte deflagra no Sesc Pompéia uma conversa de Martinho com Lina Bo Bardi sobre artesanato e indústria, brutalidade e lirismo, entre outros tópicos. Mas a predileção por panos e pela costura indica que ele entrelaça sua obra em outras redes, que joga também, de modos variados, com Antonio Dias, Leonilson e Arthur Bispo do Rosário.
Com Dias, assim como com José Resende e Tunga, o diálogo gira em torno do erotismo de cunho masculino heterossexual. Por certo, as hieráticas e solenes obras da série Cardeais remetem ao universo sacro, mas são irredutíveis à religiosidade. Essas e outras obras de Martinho exalam uma sensualidade nada pudica. Nos mobilizam, ativando sentidos corpóreos com texturas menos ou mais lisas e macias, e um comedido cromatismo que varia do opaco ao discreto reluzir. O feminino não aflora apenas de tecidos, bastidores e técnicas de costura usual e preconceituosamente associados apenas à mulher. Assoma também em dobras, fendas e cavidades que se contrapõem a fálicas protuberâncias – uma morfologia que roça a figura e não deixa de ser um modo artístico de fazer a corte, prometendo deleite. Sutilmente desvelada, essa sexualidade também expressa uma libido criativa desentranhada da pulsão vital. Recorte na tessitura do viver, a arte desfralda o véu da poesia.

Conduru, Roberto [2023] [texto exposição individual Ofício Fio: Recorte]. São Paulo: Sesc Pompeia.

Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

Lisboa, 10 de novembro de 2017

Querido Martinho,

há muito queria escrever-te a respeito do que tenho observado e vivido desde nosso último encontro no Recife. Não me lembro ao certo o ano em que nos vimos ao vivo pela derradeira vez, mas sei que foi bem antes do golpe branco no Brasil, numa época em que ainda havia esperança de um país mais progressista e com novos horizontes sociais. Recordo-me que embarcamos para Lisboa no dia 31 de dezembro de 2014, deixando para trás um Brasil que era referência mundial em termos de política de inclusão e redistribuição de renda e que era protagonista de uma mudança na geopolítica. Vimos a posse do segundo mandato de Dilma já na nova terra (que naquela altura seria apenas temporária). Meu querido, parece que são décadas…

Saber de tua exposição com trabalhos sobre os quais há muito tempo vínhamos conversando, deu-me esta forte sensação de retorno a um período da história em que eles foram pensados e iniciados, ou seja, do seu contexto de criação. Foi doloroso. Aliás, o está sendo neste momento em que te escrevo esta carta. É como abrir uma ferida, querido amigo. Quando começastes a fazer o trabalho Expansão, naquele conjunto habitacional, estávamos em plena ascensão das classes menos favorecidas aos bens de consumo. Eu sei que havia muita precariedade, mas também estava presente muita invenção e ruptura de padrões vigentes, de sobrevivência além do que se espera de uma “vida plena”. Olhando para trás vejo que não foi uma ilusão. De fato expandimos como nação, mesmo que de forma tímida, era o mínimo a ser feito, porém agora, diante dos novos fatos e acontecimentos em termos políticos, sociais e econômicos, foi bastante o conseguido. É aquela velha história, a música do Caetano, e já virou clichê, mas é quase incontornável: aqui tudo parece que é construção, mas já é ruína...

Agora, do outro lado do Atlântico, imersa na matriz da nossa colonialidade, começo a ter outro entendimento do alcance de todos os parcos avanços que foram conseguidos pela nossa sociedade e até mesmo dos múltiplos significados da palavra expansão. Grosso modo, querido Martinho, se por um lado somos consequência da expansão territorialista e imperialista de Portugal, por outro, conseguimos gestar um modo de vida no “novo mundo” muito mais elástico a experimentações, adaptabilidade e espontaneidade. Não podemos esquecer que tudo isso foi às custas de muita violência, exploração, assimetrias de acessos, denegações. Não tenho nenhuma tese a defender nesta missiva, apenas expressar alguns sentimentos sobre os tempos e os espaços de nossas conversas.

Um beijo imenso em você, em Maria e em sua companheira. Com muitas saudades!
Cristiana Tejo

TEJO, Cristiana [2017] Lisboa, 10 de novembro de 2017 [texto exposição individual]. João Pessoa: Casarão 34.

Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

Expansão – A Geometria humana de Martinho Patrício

Cristiana Tejo

Desde o início de sua trajetória artística, Martinho Patrício explora visualmente as figuras geométricas. Inicialmente era uma geometria mole, feita de tecidos e rendas, remetendo sempre ao universo das festas e feiras populares do Nordeste. A marca indelével da manufatura dava pistas de sua fonte: as pessoas que partilhavam de crenças e de knowhow e que aparentemente desapareciam por trás de uma provável pureza geométrica. Na série Brincar com..., formada por Brincar com Lygia, Brincar com Hélio, Brincar com Volpi e Brincar com Rubem, pronunciava-se firmemente este alinhavo de matrizes, entre o popular e o erudito, o mundo da vida e o mundo da arte. Para cada Brincar com... são fabricados vinte mil triângulos feitos de papel laminado que replicam uma forma corrente de guardar sacolas plásticas. Martinho sempre busca comunidades organizadas para produzir os triângulos, uma forma de ativar uma certa economia periférica. Isso não se evidencia nos trabalhos. O visitante não se apercebe desta faceta social.

Em Expansão, projeto iniciado em 2002 que aglutina desenhos, fotografia, instalações, objetos e vídeos, o mundo da vida e do social tomam o primeiro plano. O trabalho escolhido para compor o ensaio de Martinho Patrício para a Revista Lugares é um fragmento desta pesquisa in progress. Trata-se de um comentário sobre as transformações que são estabelecidas num espaço, uma remodelação do significado de geometria. Como é notório, a geometria é a parte da matemática cujo objeto é o estudo do espaço e das figuras que podem ocupá-lo, sendo as formas geométricas resultado da observação das formas existentes na natureza e dos objetos feitos pelo homem[1]. Nas fotografias feitas pelo artista, observamos a ocupação de um prédio modernista no centro de João Pessoa, Paraíba. Construído no início dos anos 1950 e seguindo a escola de Le Corbuisier e muito comum na arquitetura de instituições federais brasileiras da época, abrigou o antigo IPSE e em seguida, o INSS. Foi palco ainda de mostras de arte, a exemplo de 100 anos da Pintura Brasileira (1859-1950). Assim como muitos outros prédios semelhantes, ficou relegado ao abandono até receber novos moradores que se apropriaram como puderam deste lugar. As lentes de Martinho Patrício buscam a geometria humana, ou seja, figuras geométricas formadas a partir das marcas e da vivência humana na precariedade e no improviso. Formas que vão se evidenciando pelo uso do espaço e de sua reconstrução. Este momento de crise pelo qual passa o mundo, não poderia ser melhor contexto para este trabalho ser publicizado. Afinal estamos cada vez mais céticos com relação a pressupostos ditos universais e imutáveis e paradigmas econômicos e sociais estão mudando. Parece que não estamos mais em tempos de crença e de afirmação inconteste nas formas puras e revolucionárias da geometria. Sabemos mais do que nunca dos custos sociais.

TEJO, Cristiana [2012] Expansão – A Geometria humana de Martinho Patrício [texto Revista Lugares]. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo.

1 Fontes: Dicionário Houaiss e o site http://pt.scribd.com/gomesdouglas2004/d/3969801-Aula-02-Figuras-geometricas

Será um truque banal? Num relance, triângulos laminados são arremessados no espaço abismal do acaso. Na queda, o linho branco os salva, como rede, reconfigurando O NÚMERO. A jogada, numa das múltiplas possibilidades de ordenação, EXISTIRIA. A ordem, registrada pela fotografia, COMEÇARIA E CESSARIA, seria feita e desfeita pelas mãos do artista, pela participação do espectador. Em Brincar com Lygia, Martinho Patrício cria uma instalação em que mesas e gavetas são organizadas no espaço da galeria com inúmeros triângulos laminados em vermelho e prata. O espectador é convidado a brincar com os triângulos, lançandoos sobre as mesas, como num jogo de adivinhação. O título nos fornece uma pista possível: Brincar com Lygia. Percebemos, então, que a geometria CIFRAR-SE-IA, absoluta e relativa, na instalação que homenageia os trabalhos de Lygia Clark. Particularmente, lembramos de objetos geométricos como os Bichos, que também pressupunham a participação do espectador para reconfigurar uma geometria abstrata. Porém, a instalação de Martinho nos revela que a participação não é completa, há gavetas negadas, fechadas, impossíveis de abrir. Ampliamos, com isso, uma indagação: será que há uma participação plena do espectador nos trabalhos de arte contemporânea? Uma outra vereda se abre. Triângulos em gavetas são formas de acondicionar sacos plásticos, diminuindo-os. Prática comezinha, caseira, popular. Quebrando, também, a geometria racional, uma aura se ILUMINARIA envolvente nos triângulos, estourando-os o contorno com o brilho dos laminados. Na outra seqüência de fotografias (o Brincar com Hélio), as cores dos triângulos são trocadas, o dourado substitui o vermelho. A lógica é a mesma e é outra. Aliás, a lógica sempre será outra, sempre será feita, desfeita e refeita. Estes objetos são número e geometria, pleno vulto, relevo e planaridade. O ACASO[1]. Com Hélio Oiticica, aprendemos a desequilibrar a geometria nos Metaesquemas. Ainda que planares, os intervalos irregulares entre os retângulos dotavam o trabalho de ritmo e cinetismo, como nos Boogie Woogies de Mondrian. Mas, hoje, um dado histórico revela que há metaesquemas, da década de 50, feitos com purpurina. Conduru, em recente análise, percebera que Oiticica, ainda na sua fase concretista, já apontava o carnaval vindouro do tropicalismo[2]. Portanto, o Brincar com Hélio em dourado comunga desta celebração. Ali estão o nosso ethos barroco e as nossas festas pagãs à luz das gambiarras. Apontando para outro viés, nos brincares de Martinho, assim como nos jogos infantis, há um roteiro prévio, mas a encenação e o acontecimento são surpreendentes, parecendo únicos. Uma possível escultura se processa a partir de um verbo intransitivo: Brincar. E no final, achamos, tal qual num espetáculo de circo, que tudo não passou de “truques banais”. O que sustenta a vida real, como nos versos de Buarque, é um “invisível cordão”[3].

CAMPOS, Marcelo [2006]. Dupla Herança [catálogo exposição coletiva]. Fortaleza: Centro Cultural Banco do Nordeste, pp.08-10.

1 Mallarmé, stéphane, Um Lance de Dados (trecho), Rio de Janeiro :Nova Fronteira, 1990, p.124
2 Conduru,Roberto. “Metasquema, metaforma, metaobra”. Palestra realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em 2004, texto inédito.
3 Buarque, Chico & Lobo, Edu. O grande circo místico, canção de 1982

Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

Brincar com Lygia integra um projeto mais amplo de Martinho Patrício chamado Brincar com Lygia, com Hélio, com Volpi, com Rubem uma grande conversa deste artista paraibano com “colegas” que o influenciaram ou que carregam similaridades de foco. O trabalho ora comissionado pela Malakoff é um diálogo afetuoso de Martinho com a criadora de um caminho de experimentação construtiva que redimensionou o espaço e a participação do público nas proposições artísticas: Lygia Clark. É a essência conciliatória (de uma pesquisa internacional como o concretismo que se desenvolve com cores locais) e participativa de parte da pesquisa de Lygia que atrai este artista no momento, em especial as possibilidades abertas pela série Bichos (1960), em que chapas metálicas articuladas por dobradiças vão ganhando formas diversas, graças à manipulação do público. O procedimento proposto pelo artista alia seu interesse pela forma (até então conseguida por tecidos, fitas, fuxicos, rendas e suas cerziduras) à espontaneidade de configuração de um jogo como o de búzios. Outra jogada está implícita na obra quando o artista coloca-a à venda por R$ 1,00. Múltiplos, os trabalhos tensionam o valor da arte e sua democratização, assim como outras questões institucionais.

TEJO, Cristiana [2005]. Brincar com Lygia, [folder exposição individual]. Recife: Observatório Cultural Malakoff,.

Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

Martinho Patrício é o artífice meticuloso dos trabalhos brancos e vermelhos que estão colocados à direita e à esquerda de quem entra na pequena sala do terceiro andar. Feito de cetim, cada trabalho é constituído de uma sucessão ordenada de fuxicos, um tipo de ornamento muito comum no Nordeste do país, cultivado pelos artesãos que trabalham com rendas, bilros e outras técnicas de bordado e fiação, que consiste numa almofadina circular formada por gomos, produzida a partir do alinhavo em pontos grandes regulares, puxado posteriormente, procedimento que engelha o tecido. Fixados um a um na parede, os fuxicos, todos exibindo a mesma composição branca com o miolo vermelho, vão formando desenhos semelhantes a padrões florais simétricos, com a elegância e a hieraticidade de paramentos religiosos. A poética de Martinho Patrício alimenta-se da seiva obtida junto a ofícios populares ligados ao ornamento simples e aqueles relacionados a finalidades devocionais-religiosas. Seu trabalho, sempre minucioso, demandando apenas agulha, linha e pano, à maneira do trabalho de Bisco do Rosário, nordestino como ele, varia das guirlandas à construção de formas orgânicas. Em todos os casos, pressente-se a concentração e o cuidado na afirmação que as diferenças existentes entre os tecidos – do cetim ao linhão –, as cores que impregnam e os apetrechos conduzidos pela mão que deles se utiliza sao os elementos mediante aos quais ele se serve para restaurar a profundidade de um prática imemorial.

FARIAS, Agnaldo [2003]. Ordenação e vertigem [catálogo exposição coletiva]. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, pp.103.

Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

O tecido como abrigo

Moacir dos Anjos

Os objetos de Martinho Patrício reunidos nessa mostra são feitos quase de tecidos somente: veludo, cetim ou linho; alguns lisos, outros tramados em bicos, crepes ou rendas. São trabalhos representativos de pouco mais de dez anos de atividade, nos quais o artista criou uma obra singular na arte brasileira contemporânea. Tendo iniciado, na segunda metade da década de 1980, como pintor fortemente influeciado por diversos matizes da arte construtiva (suprematismo, arte concreta, neoplasticismo), logo se deixou impregnar pelo acento forte das coisas que o cercam em seu lugar de origem (Paraíba), promovendo o amolecimento gradual da rigidez construtiva diante da maciez da matéria eleita para uso. Atualiza e expande, assim, o projeto neoconcreto brasileiro, o qual buscava contrapor-se à exacerbação racionalista da arte e torná-la em algo perto da experiência vivida.

A utilização do tecido como suporte privilegiado desses trabalhos se ancora em referências fortes do cotidiano do artista, desde cedo cercado por um repertório variado de formas litúrgicas e lúdicas feitas de engenho e pano. Embora próximas a formas construtivas cultas, essas outras formas não são fixas ou rijas, cedendo ao sopro do vento e à proximidade do corpo humano. No inventário das coisas mundanas e sagradas que o animam a transpor o seu entorno para o universo da construção artística, Martinho Patrício inclui o fascínio com o acetinado colorido das cortinas dos cabarés de vila e com os vestidos de tecido nobre usados nas quermesses de domingo; com as rendas que enfeitam os altares dos santos e com os adereços de cores vibrantes das festas populares de rua; com os ornamentos dos rituais afro-brasileiros e com os paramentos usados nas missas. E é por meio do corte, da dobra e da costura de panos que o artista promove a junção original desses elementos vernáculos aos códigos simbólicos construtivos, aproximando o que parece distante e criando uma obra única, a qual ata ainda cor e volume.

A exposição não pretende apresentar o percurso cronológico da elaboração desse vocabulário plástico híbrido, mas pontuar, com trabalhos de vários períodos, justamente o embaralhamento de referências diversas que a obra de Martinho Patrício tem promovido ao longo dos anos. Os trabalhos Danúbio Azul I e II (1996) são exemplares desse procedimento, pois fazem confluir, em um mesmo objeto, alusões aos ornamentos de casas noturnas populares, à disposição solene de tecidos usados em liturgias e também à pintura construtiva. Já as duas séries de Cardeais (1996) – uma feita de tecidos pretos e a outra feita de tecidos brancos – aludem, para o olhar secular e ligeiro, a vestimentas religiosas e a paramentos de missa. Por não corresponderem a modelo eclesiástico algum, são destituídas contudo de tal referência de uso, como se fossem formas quaisquer costuradas ou mantos de festejos profanos.

O encanto com as construções formais religiosas se expressa ainda nos trabalhos realizados com pequenos fuxicos de cetim (Máscara I e II, 2001), fixados um a um na parede de modo a desenharem imagens que muito se assemelham às insígnias dos orixás. Além de aproximarem Martinho Patrício de um outro artista que aliou a herança construtiva à iconografia criada no candomblé – Rubem Valentim –, tais trabalhos fazem do sincretismo que marca essa religião índice do desejo de mistura em que a sua obra se funda. Seguindo essa trama de significados sobrepostos, o conjunto de pequenas Iêdas (2002) aqui reunidas – feitas de pedaços e tiras de cetim encimadas por rendas e espelhos – cruza, na matéria e na forma, origens simbólicas diversas, desde os adereços usados em brincadeiras do Boi e em danças de Reisado aos estandartes que os fiéis carregam nas procissões de santos.

Em outra série de trabalhos (sem título, 1999), panos vermelhos rendados são costurados sobre outros lisos e presos à parede com suas pontas unidas; são moldados, dessa forma, em pequenos volumes moles cujos rasgos oufendas seduzem o corpo e enredam o pensamento nos vários sentidos que podem neles ser inscritos. De texturas àsperas e formas pouco firmes, esses trabalhos exalam uma sensualidade vibrante que logo, entretanto, se torna rala e ambígua. Já em conjunto de objetos novos (sem título, 2002), as muitas dobras nos recortes de tecidos brancos os aproximam formalmente das mitras usadas por bispos e papas em solenidades pontificais; remetem ao mesmo tempo, entretanto, aos contra-relevos e casulos de Lygia Clark e aos relevos espaciais de Hélio Oiticica, artistas cujos legados são reconhecidos por Martinho Patrício como vitais para a sua obra. Vermelhos ou brancos, os trabalhos de ambas as séries replicam, por fim, uma característica presente em vários de seus objetos, que é a presença de algo – bolsos, dobras, avessos, cortes – que guarda dos olhos algum segredo e faz do tecido abrigo.

ANJOS, Moacir dos [2002]. O tecido como abrigo [catálogo exposição individual]. Recife: Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães.

Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

Tecendo formas

Valquíria Farias

Como ficariam as formas desenhadas com milimétrica argúcia num quadro com tinta, cola e carvão em um pano de algodão com fitas de cetim... A forma e somente a forma...Com uma certeza e ansiedade incomensuráveis: costure assim e assim... Pronto, as Entradas: uma extensa faixa de algodão cru era suporte para fitas de cetim de cores primárias; seu brilho e leveza esvoaçavam a forma com o vento natural, enrodilhando a mente e saltando aos olhos: formas multifacetadas eram o concluso desta sua arte de então, utilizando elementos nitidamente populares, folclóricos, ora encontrados bem ao lado, no canto, em qualquer lugar... Alegra quem o diga: há alguma semelhança com o lúdico estampado em traços de nossa cultura... mas agora ainda mais que isto enseja atribuir, e tentando explicar: há algo ligado com o cotidiano seu, lembranças de mãe... hábitos de religiosidade [vestimentas, cerimônias] e profanação [do vulgar à marginalização: o não sagrado]: algo muito íntimo cuidadosamente "costurado"... Pouco importavam as explicações: apenas o fazer com o tecido as formas que o encontram; não preocupava o saber aonde chegar... mas não deixar escapar essa tal loucura aquecida com a emoção pelo colorido das fitas. Claro está, contudo, nada é ou pode ser aleatório, pois muitos dizem ter vivido, visto, ouvido o que nessas formas [objetos] contemplam: o quê de em cuja singeleza dos
tecidos e apetrechos vejam carregados de significados subjetivos [do artista] lançados ao olhar do mundo real... Fundamental é o domínio daquilo que está fazendo: não pode ser de outra maneira o estudo e o cuidado no seu processo de criação... conhecer é inserir algo no real, [é pois], deformar o real[1]; assim, ...quanto mais o mundo se deforma sob seus olhos, mais o self do autor se envolve nesse processo, e se deforma e se desfigura ele próprio[2]; porquanto sempre existirá algo a interpretar [com o tecido]; não há limites para essas formas desfiguradas por sua paixão cognitiva, exclusivamente sensorial... individualista de tudo em sua volta: Entradas, Olhos de Zé da Luz, Rua do Danúbio Azul, Fumo, Iedas... estes nomes aos objetos [formas] são exemplos; que o diga a música transmitindo incontáveis mensagens, imagens das formas para o desenho no papel e depois para a costura do tecido: "Juntei à forma concreta o leve e o simples que me comovem... juntei com esses tecidos e essas fitas que me deram liberdade de movimento." A multiplicidade resulta de maneiras de pensar e estilos de expressão, nesta arte resulta do caminho interior seu percorrido e dado a conhecer: uma exclamação do que não pode permanecer recôndito... da forma que por uma razão qualquer apresenta-se carregada de significado, mesmo que não o saiba formular em termos discursivos e conceituais[3], à primeira vista.
Nesta exposição estão apresentações deformadas de objetos de culto [vestimentas, armaduras], saídas para rituais de culto; o vermelho é a força aspirada e cultivada sobremaneira na delicadeza das fitas de cetim costuradas em um pano, linhão... uma colagem segura de contrários: leveza, peso, espírito, matéria... uma fita após outra formando como que um plissé dando volume e textura de cascos, armados: proteção dependurada aguardando sua sagração, ou desbotamento após o uso, objetos resguardados confrontando vontades tolhidas pelo rito... Aliás, são as próprias imagens que desenvolvem suas potencialidades implícitas, o conto que trazem dentro de si...[4] A obra de Martinho Patrício, pois, está na forma [de suas intenções] perfeitamente trabalhada, tecida, em panos: esta simplicidade focada em um único detalhe, por vezes ainda não visto...

FARIAS, Valquíria [2000]. Tecendo formas, [catálogo exposição individual]. João Pessoa: Centro Cultural de São Francisco.

1 Ítalo Calvino. Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.123, da Multiplicidade
2 2 Id., p.123.
3 3 Id., p.104, da Visibilidade.
4 4 Id., p.104, da Visibilidade.

Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

Segredos contidos

Valquíria Farias

Confissões nada mais são do que revelações de atos praticados pelo homem. Enquanto existe confessa e se expõe a julgamentos, conscientes ou não, de quem o ouve. Não há quem não expresse um juízo de valor sobre algo que lhe é segredado, ou revelado, tanto faz. Em religião, especificamente, fala-se em confessar os pecados. Isto é um juízo de valor, pois se entende que confissão equivale a pecado, ou a um ato não condizente com preceitos religiosos, da doutrina e da crença. De outro lado, então, não há segredo que não seja revelado; da religiosidade, em As Confissões, Santo Agostinho diz que não há verdade dita aos homens que Deus já antes não as tenha ouvido.

Situar os trabalhos desta exposição de Martinho Patrício no contexto das confissões humanas é remontar, ao espectador, ao entremeado de segredos contidos, e revelados, desde a sua existência; os seus inclusive e os do artista. De urnas em madeira saem tecidos pretos, "são as confissões se revelando dos que não tem mais o que esconder, ou do que se proteger, ou ainda do que se limpar...", pretextando o artista repassar o aspecto escabroso e profano das confissões, pois que, assim, "excedem os limites do sagrado."

A exposição conduz a um olhar circunspeto devido à sisudez das obras, todas pretas, impresumível mas corajosamente dispostas de uma forma que lembra uma cerimônia lúgubre. Uma instalação com cinco urnas. Uma ao centro, a maior, com uma abertura insinuante para "o olhar de perto", e dentro a brandura dos pequenos fuxicos em cetim, enfileirados formando um quadro. Duas a duas urnas retangulares ao redor, com fendas onde tecidos estão encaixados. E ao fundo três objetos, mais urnas lado a lado e de cujas fendas os tecidos agora estão saindo e encontrando a parede como suporte. Assim, compondo o cenário da cerimônia com "a presença, ou ausência, depois da estranheza, do espectador e sua impressão contrita de haver malgrado suas confissões revelado."

A confissão que faço na vossa presença é e não é em silêncio. É em silêncio quanto às palavras; mas é em clamor quanto aos afetos..[1]. Exceder os limites do sagrado, – não no sentido de que o mal supere o bem –, porque parece não haver formas de conter os afetos... as palavras talvez sim. "É só olhar para o mundo, por mais invioláveis os segredos, sentimentos, desejos... são e estão manifestos." O silêncio não mascara as reações diante dos fatos. A perplexidade é a mais forte das reações diante do súbito e do incontestável, do que se tem certeza... da verdade. Talvez seja esta a certeza de Martinho, sua confissão.

FARIAS, Valquíria [1999]. Segredos contidos, [texto exposição individual]. João Pessoa: Centro Cultural São Francisco.

1 As Confissões . Santo Agostinho.

Formas em mutação
Gabriel Bechara

A arte paraibana seguiu nos últimos anos uma tendência à diversificação de propostas artísticas em contraste com as décadas anteriores quando os artistas formavam grupos que gravitavam em torno de nomes consagrados ou de uma forte liderança. Nos anos 80, a diversidade de propostas já se acentua apesar de perdurar ainda grupos de tendências como os primitivos, a corrente neo-expressionista e os artistas mais identificados com a transvanguarda. Na presente década a multiplicidade de caminhos parece marcar este novo tempo, quando não há mais lideranças polarizadoras ou grupos coesos do ponto de vista estilístico, mas sim a pesquisa independente que se afirma por ela mesma. A arte de Martinho Patrício é o melhor testemunho deste novo tempo, enquanto seu trabalho foi produto de um projeto individual seu, bem distante do que outros artistas aqui vinham pesquisando. Sua obra sempre teve uma preocupação construtiva sem, no entanto, seguir as trilhas da pesquisa das formas puras, mas a percepção daquelas que a cultura popular nordestina lhe sugeria.
Seu trabalho instintivamente retoma a via seguida por Volpi e Rubem Valentim, que pensaram o jogo da construção abstrata a partir de signos e imagens da arte popular brasileira. Seu trabalho não parte de nenhum programa ideológico preestabelecido, mas tão somente da identificação amorosa do artista com as formas lúdicas encontradas em seu caminho. Ora são os panos dos cabarés do interior com suas rendas e cetins baratos que guardavam a entrada dos quartos separados do bar, ora são as vestimentas sacras dos padres nas missas domingueiras que lhe servem como referência ao seu trabalho. O olhar de Martinho percorre os panos a partir de seu brilho, de suas cores e do leve movimento sugerido pelo vento ou gestos do sacerdote. Os tecidos e as fitas coloridas são os seus suportes preferidos, trabalhados quase sempre ao longo das paredes. Sua arte, como afirmou Antônio Dias, utiliza elementos folclóricos sem sê-lo, e guarda um requinte formal poucas vezes encontrado na arte paraibana.

BECHARA FILHO, Gabriel [1997]. Formas em mutação [Exposição individual]. João Pessoa: Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba.

Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

Expressão de uma cultura

Hermano José

Pelo isolamento dos grandes centros culturais estrangeiros no passado, foi possível o surgimento, no Nordeste, de manifestações artísticas espontâneas, caracterizando a sensibilidade de um povo. Martinho, artista nordestino, integra-se nessa linguagem sem artifícios, sem as aflições de superar modelos importados. Sua arte é a resposta emocional de seu cotidiano, seu olhar para o mundo que ainda nos cerca. No colorido feérico das fitas esvoaçantes, de luzes espelhadas nos bumba-meu-boi, na fé milagrosa do tilintar de medalhas e contas de rosários, na delicadeza branca das rendas de bilro para os altares dos santos de nossa devoção, nos encontramos na infância. A transfiguração de um passado que já nos deu alegrias.

Diversos são os caminhos da arte. Pode o artista partir das origens mais singelas do sentimento popular. Pode atravessar os patamares de muitas civilizações e despojar-se sem esquecer os caminhos percorridos, envolvendo-se nas emoções que pairam em sua volta. Projeta-se assim o gênio de Villa-Lobos, deixando os conservatórios para ouvir na Amazônia o som denso de séculos dos nossos índios.

No equilíbrio formal dos neoconcretos disciplinou-se nosso artista. Tangenciou espaços, mediu vibrações cromáticas, ergueu no ar as formas de sua paixão que agora brilham contidas na essência de suas intenções, nos rituais de um povo que passa do sagrado ao profano, com uma intensidade marcada sempre pela ausência de vulgar.

Aberto a este acervo singular de uma estética que não usa nem régua nem compasso, apenas o sentimento que tece a vida, tornou-se Martinho legítimo intérprete e criador de novas visões plásticas, mas que sempre tiveram suas sombras nos alcançando, quando lembranças revolvem imagens que acompanham nossos dias.

JOSÉ, Hermano [1991]. Expressão de uma cultura, [folder exposição individual]. João Pessoa: Pinacoteca da Universidade Federal da Paraíba.

Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864

Martinho Patrício

martinhopatricio.com.br
T. 55 83 9 9303 9864